

EXPERIÊNCIAS DE JUVENTUDES EM PERIFERIAS URBANAS: OS JOVENS DO RIO GRANDE

Leonardo da Silva Greque Junior ¹
Juliana Cristina Franz ²

RESUMO

Esta pesquisa de caráter exploratório, objetivou compreender como a segregação socioespacial influencia nas possibilidades vivenciadas por jovens escolares que residem em periferias urbanas do município do Rio Grande – RS, e os desdobramentos da constituição identitária destes jovens. Por meio de uma pesquisa qualitativa, foi realizada uma revisão bibliográfica, consultas em fontes secundárias e se adotou a técnica de Grupos Focais (GF) na interação com as fontes primárias. Realizaram-se quatro GFs com um total de 56 jovens entre 14 e 19 anos de idade, alunos da Escola Estadual Ensino Médio Brigadeiro José da Silva Paes, instituição essa que atende um conjunto de três periferias do município. A segregação socioespacial é ferramenta importante na manutenção da estrutura social, engessando as condições socioeconômicas dos jovens. As identidades se constroem no reconhecimento ou na alteridade com o outro, carregando as referências e representações de suas territorialidades. Assim, na busca por maior autonomia por parte dos jovens são estabelecidas novas relações com as instituições socializadoras como a escola, o trabalho, e a inserção de novas como a rua. Desta forma, esta pesquisa serviu de subsídio para a elaboração da atual dissertação de mestrado com a temática da vivência juvenil em porções periféricas, suas construções identitárias e a responsabilidade do Estado em mitigar as agruras engendradas em viver neste contexto socioespacial, pois estes jovens convivem com o preconceito de serem segregados espacialmente e excluídos socialmente, limitando seus acessos a oportunidades que permitam melhorar as suas situações socioeconômicas.

Palavras-chave: Juventudes; Segregação Socioespacial; Periferias Urbanas; Grupos Focais.

RESUMEN

Esta investigación exploratoria tuvo como objetivo comprender cómo la segregación socioespacial influye en las experiencias de los jóvenes estudiantes que residen en las zonas periféricas urbanas del municipio de Rio Grande – RS, así como las implicaciones en la formación de identidad de estos jóvenes. A través de un enfoque de investigación cualitativa, se llevó a cabo una revisión bibliográfica, consultas en fuentes secundarias y se utilizó la técnica de Grupos Focales (GF) para interactuar con las fuentes primarias. Se realizaron cuatro sesiones de GF con un total de 56 jóvenes de entre 14 y 19 años de edad, estudiantes de la Escuela Secundaria Estatal Brigadeiro José da Silva Paes, una institución que atiende a tres comunidades periféricas del municipio. La segregación socioespacial es una herramienta importante para mantener la estructura social, limitando las condiciones socioeconómicas de los jóvenes. Las identidades se construyen a través del reconocimiento o la alteridad con los

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, leogreque@gmail.com;

² Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, julianafranz@gmail.com;

demais, levando consigo referências e representações de suas territorialidades. Assim, em a busca de uma maior autonomia, os jovens estabelecem novas relações com as instituições socializadoras como a escola, o trabalho, e a incorporação de novas como a rua. Por isso, esta investigação proporcionou valiosos aportes para o desenvolvimento da tese de mestrado atual, que se centra nas experiências dos jovens em áreas periféricas, suas construções de identidade e a responsabilidade do Estado em mitigar as dificuldades enfrentadas ao viver neste contexto socioespacial. Estes jovens enfrentam o preconceito de ser segregados espacialmente e excluídos socialmente, o que limita seu acesso a oportunidades que poderiam melhorar suas situações socioeconômicas.

Palavras chave: Jovens; Segregação Socioespacial; Periferias Urbanas; Grupos Focais.

INTRODUÇÃO

Muitas são as perspectivas que tentam uma concepção para a categoria juventude, no entanto neste estudo, de caráter exploratório, objetivamos compreender como a segregação socioespacial influencia nas possibilidades vivenciadas por jovens escolares que vivem em periferias urbanas do município do Rio Grande – RS, assim como entender os possíveis desdobramentos na constituição identitária destes jovens. Foucault (1995) apresenta a ideia de que as formas de poder como são exercidas em nossa sociedade, pelos atores hegemônicos, negam e desconsideram as pessoas em suas individualidades. Essa alteridade vai reafirmar e reconduzir as pessoas às suas condições individuais, tornando-os sujeitos de suas próprias posições na sociedade, como compreende o autor sobre este fenômeno social “liga-o à sua própria identidade” (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Assim, dialogando com Hall (2006) salienta-se que a constituição das identidades das pessoas se faz na identificação ou na diferença entre os grupos de sujeitos. Aqueles que compartilham ideias, etnias, interesses e/ou condição social se identificam e aproximam-se, constituindo grupos identitários com cultura que os representa. Quanto aqueles sujeitos que não apresentam necessariamente características similares com nenhum outro grupo, a não ser o fato de não compartilhar as características similares, também acabam constituindo grupos identitários com padrões, no entanto, partindo de pontos de convergência inverso ao primeiro, partindo assim da não-identificação como características que os unem. Desta forma, compreendemos que as identidades juvenis podem ser constituídas partindo de diferentes aspectos sociais e serão influenciadas pelas diferentes disputas de poder engendradas nos territórios e no cotidiano destes sujeitos.

Entretanto, a configuração urbana das cidades brasileiras pode variar de acordo com os processos sociais que estas sofreram ao longo do tempo, tornando heterogênea a organização

espaciais de cada cidade. Assim, a experiência de cada sujeito será influenciada pelas características do bairro onde mora, de tal forma que as vivências dos sujeitos podem variar de acordo com as possibilidades de acesso às oportunidades de cada cidadão segundo o contexto socioeconômico ao qual está inserido. Para entender a influência destes contextos nas experiências das juventudes residentes nas periferias do município do Rio Grande, foram realizados Grupos Focais com alunos da Escola Estadual Ensino Médio Brigadeiro José da Silva Paes, possibilitando a compreensão do entendimento dos próprios jovens sobre os contextos socioespaciais onde residem.

METODOLOGIA

Este estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado, onde os dados que são analisados foram coletados por meio de uma pesquisa exploratória. Esta pesquisa apresenta-se a partir de uma abordagem qualitativa, pois são investigados os fenômenos sociais que cotidianamente ocorrem nas sociedades, assim são examinadas as formas como os sujeitos se relacionam entre si, as dinâmicas que perpassam suas vidas e a forma como se organizam dentro das estruturas sociais (ALONSO, 2016).

Para que a pesquisa exploratória fosse realizada buscamos por dados que nos aproximassem e caracterizassem a população investigada, assim, partimos inicialmente de uma revisão bibliográfica sobre as juventudes e produção do espaço periférico, assim como consultas em fontes secundárias, nos dados do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e nos relatórios de indicadores criminais da Secretaria da Segurança Pública do estado do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2023).

Assim, a inserção em campo para a coleta das informações referentes as experiências juvenis se deu a partir de uma aproximação com a escola Brigadeiro José da Silva Paes ensejando o interesse pelo estudo da população juvenil de contexto periférico, situação a qual a escola e os estudantes estão circunscritos. Desta forma, fomos direcionados a realizar a pesquisa com quatro turmas, duas do ensino fundamental (8º e 9º ano) e duas do ensino médio (1º e 3º ano). Nesta direção, buscou-se investigar através de Grupos Focais (GF), os argumentos existentes, permeados nas experiências vividas pelos jovens nas periferias atendidas pela escola. Cabe destacar que a instituição atende um conjunto de três bairros da periferia do município, Navegantes, Getúlio Vargas e Santa Teresa.

O Grupo Focal é uma técnica de pesquisa qualitativa para compreender as concepções e percepções dos participantes sobre um tema específico, de forma discursiva, por meio da exposição de seus pontos de vista, conduzido por um moderador, que preza pelo equilíbrio nas falas e foco em direção do tema proposto (ALMEIDA, 2016). Logo, foram realizados 4 Grupos Focais com um total de 56 jovens participantes entre 14 e 19 anos de idade, os encontros foram transcritos e serviram de suporte para compreender como estes sujeitos vivenciam o cotidiano. Esta etapa da pesquisa se deu entre os meses de novembro e dezembro de 2021, acompanhando um calendário escolar atípico, em meio ao retorno presencial enfrentado pelas Escolas estaduais do RS durante a pandemia de COVID – 19.

Destacamos que a técnica de Grupos Focais apresenta como principal potencialidade a interação e formulação de compreensões baseadas nos discursos dos demais participantes, pois é possível apreender as percepções dos participantes já refletidas no que foi exposto anteriormente, estabelecendo e fomentando debates a respeito do tema proposto. Logo, a utilização desta técnica para investigar as populações juvenis e as formas como vivem seu cotidiano configura-se como uma opção adequada, visto que parte da experiência juvenil é feita entre seus pares, dividindo e construindo experiências que são eminentemente coletivas.

Na realização dos GFs foram estabelecidos diálogos, em que os jovens partilharam suas experiências, as percepções sobre as suas vivências e apontaram alguns de seus anseios. Ainda foram identificadas informações como idade, gênero, cor e função exercida caso trabalhe. Esses dados de perfil foram analisados, com suporte das transcrições dos áudios dos encontros, a fim de compreender os principais argumentos que expõem possibilidades vividas pelas juventudes em contexto periférico.

REFERENCIAL TEÓRICO

A experiência juvenil pode ser compreendida como uma vivência das espacialidades por estes sujeitos, desta forma os jovens experenciam suas juventudes a partir das múltiplas espacialidades que vivenciam e estão inseridos. Tais espacialidades podem, por vezes, corresponder a territórios em disputa, por diferentes atores produtores do território (HAESBAERT, 1999).

Nos territórios das periferias urbanas, distintas dinâmicas e conflitos se estabelecem, resultando em uma multiplicidade de contextos e experiências. Estas apresentam variadas características de infraestrutura, devido aos processos espaciais que envolveram as cidades ao longo do tempo. Nestes territórios segregam-se os extratos sociais economicamente

desfavorecidos, podendo estar relacionados para além da vulnerabilidade socioeconômica, a riscos ambientais como moradias localizadas em acentuadas declividades ou suscetíveis a enchentes (PENNA; FERREIRA, 2014). Nesse sentido, a segregação é ferramenta importante na manutenção da estrutura social, uma vez que a infraestrutura ofertada nas áreas segregadas reforça a barreira de transição entre as classes sociais. De acordo com Negri,

Morar num bairro periférico de baixa renda hoje significa muito mais do que apenas ser segregado, significa ter oportunidades desiguais em nível social, econômico, educacional, renda, cultural. Isto quer dizer que um morador de um bairro periférico pobre tem condições mínimas de melhorar socialmente ou economicamente. Implica, na maioria dos casos, em apenas reproduzir a força de trabalho disponível para o capital (2008, p.136).

Sendo assim, na ótica da cidade capitalista, moradores dos bairros periféricos estão predestinados a apenas reproduzir-se como capital humano, força de trabalho, conservando dessa forma a estrutura social, pois esses sujeitos são submetidos a serviços de baixa qualidade e a precárias infraestruturas. Penna e Ferreira (2014) corroboram tal compreensão ao afirmar que nas regiões com menores rendimentos per capita os trabalhadores possuem menores qualificações.

Dessa forma, os jovens moradores de bairros periféricos, como o restante desta população, se constituem cidadãos privados de diversos direitos garantidos e estabelecidos em leis, estes são fundamentais para as suas formações e seus desenvolvimentos sociais e biológicos. Incorporando a esses sujeitos uma vulnerabilidade política, civil, educacional e econômica, pois a estrutura de oportunidades que esses jovens têm acesso são reduzidas em função das desigualdades que formam o território do espaço urbano (PENNA; FERREIRA, 2014).

Assim, a desigualdade socioeconômica refletida na configuração urbana sujeita a população jovem periférica à uma exclusão social, reduzindo o acesso destes a diversos espaços públicos e de socialização. Portanto, para além do déficit de infraestrutura e da vulnerabilidade socioeconômica e ambiental, viver nestes territórios traz implicações no desenvolvimento pessoal e social dos jovens, resultando na exclusão social destes (SALLES et. al., 2014). Assim se constrói, dentro da sociedade brasileira, uma visão preconceituosa ao generalizar todo jovem periférico de acordo com as características tensionadoras da ordem social de onde vivem, reduzindo-os à essas questões, que nem sequer estão sobre seus controles. Mas o autor pontua que,

[...] a exclusão social, contudo, não se refere a um fenômeno puramente econômico na medida em que envolve formas de dominação sustentadas por relações de poder e por exclusões simbólicas, como estigmas e estereótipos. (SALLES apud SALLES et. al., 2014, p.61).

Os preconceitos construídos com os cidadãos oriundos de bairros periféricos são uma realidade, dura que amarga a vida desses sujeitos, afastando-os inclusive de determinados empregos e profissões, por não “possuir o perfil desejado”. Dessa forma, nas favelas temos altos índices de desemprego, mão de obra ociosa, reduzidas oportunidades de trabalho e omissão do poder público. Assim, o comércio ilegal de drogas, frequentemente, acontece nas periferias, tornando esses espaços mais violentos e assim alimentam os preconceitos estigmatizadores na sociedade. Conforme entendem os autores,

Estudos etnográficos apontados por Barcellos e Zaluar (2014) demonstram que há uma incidência maior de criminalidade, como o alto índice de homicídios, nas áreas próximas das dominadas por facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas em relação ao resto da cidade e apontam que nas regiões afastadas do tráfico ou das favelas, o índice de homicídio é menor, já que os criminosos protegem seu território e isso ocasiona muitas vezes em mortes de policiais, de traficantes das facções rivais ou das próprias facções. (MARQUES; SANTOS, 2018, p.5)

Consequentemente, nestes embates como afirmam Sales, Santos e Leal,

[...] os jovens pobres são, assim, as principais vítimas da violência criminal, seja devido às conseqüências dos conflitos travados com a polícia, da ação de grupos de extermínio ou de rixas entre as quadrilhas. (2009, p. 86)

A população da periferia é constantemente violentada, convivem com a insegurança promovida pelo tráfico de drogas, e com a presença repressora da polícia, que indiscrimina cidadão trabalhador dos que de fato estão envolvidos com o tráfico. Nas periferias moram cidadãos honestos e trabalhadores, mas que são negligenciados pelo Estado, sendo que nas vezes o que o poder público se faz presente fisicamente é através da polícia e do modelo repressor empregado por eles, que ao invés de proteger os direitos à segurança pública destes sujeitos, os torna mais uma vítima do sistema.

Desta forma somos levados a compreender que a sociabilidade dos jovens sujeitos acaba sendo influenciada pelas dinâmicas sociais e de infraestrutura dos territórios de onde vivem. Assim, a sociabilidade entre pares é uma dimensão relevante à experiência juvenil, uma vez que as relações sociais contribuem para a constituição dos jovens enquanto sujeitos sociais, dotados de identidades e representações culturais. Haesbaert (1999) colabora ao afirmar que a materialidade do espaço se coloca como fundamental nas identificações sociais.

Assim, os jovens enquanto sujeitos sociais, constroem suas identidades no reconhecimento ou na alteridade com o outro (FOUCAULT, 1995), carregando as referências e representações de suas territorialidades. A realização das sociabilidades ocorrem em todos os espaços do cotidiano e durante toda a vida dos sujeitos, mas é na juventude que se experiencia a busca por autonomia à família, e neste processo se estabelecem novas relações com as instituições socializadoras já conhecidas como a escola, o trabalho, e a inserção de novas como a rua, que segundo Sposito (1994, p. 166) “Nesse tecido das instituições que recobrem as formas de sociabilidade juvenil, de sua mudança e crise, adquirem um relevo fundamental as dimensões socializadoras do mundo da rua”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do referencial teórico construído trouxemos elementos importantes para compreender a questão da população juvenil que vive em contexto periférico. Assim, ao analisarmos os dados do Censo do IBGE (2010), observamos que os entendimentos de Penna e Ferreira (2014) refletem a situação socioeconômica dos moradores dos bairros estudados, uma vez que nestes bairros os residentes são prestadores de serviços no comércio, trabalhadores portuários e pescadores artesanais, com renda familiar per capita mensal entre meio e até dois salários mínimos em média.

Desse modo, a vivência espacial dos jovens moradores dos territórios periféricos torna heterogênea a experiência das juventudes, resultando na exclusão social, exposição às já mencionadas vulnerabilidades e estigmas. Essas materialidades do território periférico acabam por produzirem representações preconceituosas que contribuem, paradoxalmente, para a preservação da estrutura social, urbana e dos preceitos estabelecidos sobre esses sujeitos. Tal situação pode ser compreendida na realidade relatada pelos jovens consultados na pesquisa, ao indicarem que compreendem o acesso ao ensino superior como um passo importante em direção a uma vida melhor e com maior poder aquisitivo. Assim, entendem o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como uma oportunidade para ter uma profissão e ascensão econômica, entretanto, dos alunos que estavam no 3º ano do Ensino Médio poucos estavam efetivamente se preparando para realizar a prova, estudando sozinhos ou realizando cursos preparatórios.

Alguns dos motivos elencados para a baixa dedicação estavam a falta de tempo, devido às atividades laborais como emprego, estágios e serviços domésticos, falta de apoio pedagógico ao empreender estudos por conta própria e um desprovimento financeiro para arcar com cursos preparatórios privados. Embora haja ofertas de iniciativas populares de cursos preparatórios

para o BNEM na cidade, essas não são suficientes para suprir tamanha demanda. Tais realidades são possíveis de serem compreendidas nos seguintes trechos das respostas dos estudantes: "*sem dinheiro, sem tempo... um pouco de tudo*", "*vou fazer, mas não tenho tempo agora porque trabalho*" e "*falta de oportunidade, dinheiro mesmo*".

A partir destes elementos podemos compreender que as identidades juvenis são construídas nos diversos espaços onde os sujeitos se territorializam e desenvolvem suas sociabilidades, mas durante os Grupos Focais ficou bastante evidente que essas experiências socializadoras não ocorrem da mesma forma com todos os sujeitos. Em um primeiro momento percebemos que os jovens não dispõem das mesmas liberdades, em especial as jovens mulheres, pois existe um sentimento de insegurança por parte dos pais, que temendo a onda de violência que permeia o município do Rio Grande limitam o convívio social de seus filhos, privando-os do relacionamento com seus pares fora dos espaços institucionais e domésticos.

No ano de 2022, devido às disputas por territórios pelo tráfico de drogas, o registro de homicídios dolosos teve um aumento superior a 220%, dos 87 homicídios dolosos que ocorreram no ano de 2022 no município do Rio Grande, 54,02% foram cometidos contra as vidas de jovens até 29 anos de idade (RIO GRANDE DO SUL, 2023). Tal situação indica a necessidade da atenção pública sobre a segurança da população juvenil, dialogando com o já exposto por Sales, Santos e Leal (2009, p.86) quando os autores apontam que "os jovens pobres são, assim, as principais vítimas da violência criminal".

Nesse sentido, percebemos que a maior parte dos jovens apontam que o principal meio de estabelecimento das suas relações ocorre através da internet, justificando que passam longos períodos sozinhos em casa. Uma vez que os responsáveis estão fora em seus empregos, e as redes sociais se tornam verdadeiras companhias para esses jovens sujeitos, aproximando-os de amigos virtuais, mas confinados, muitas vezes, as paredes de suas casas. Tais apontamentos podem ser observados nos trechos a seguir: "*pra eu viver melhor minha mãe podia me dar um pouco mais de liberdade pra ir nos lugares. É que ela se preocupa com coisas que aconteceram, sou primogênita também*", "*eu passo o único tempo que posso passar (com a família), porque meus pais trabalham.*", "*Em casa fico só com meu pai, só interajo na sala de aula e no celular bastante*" e "*É negativa, porque nunca teve muita segurança nas ruas, então, agora menos. Eu tenho mais medo, porque se tu sair pra rua tu pode ser uma vítima de uma bala perdida ou levar um tiro confundida*".

A segregação socioespacial é ferramenta importante na manutenção da estrutura social, engessando as condições socioeconômicas dos jovens, influenciando a constituição de suas identidades, que se constroem no reconhecimento ou na alteridade com o outro, carregando as

referências e representações de suas territorialidades. Assim, na busca por maior autonomia por parte dos jovens são estabelecidas novas relações com as instituições socializadoras como a escola, o trabalho, e a inserção de novas como a rua. Desta forma, esta pesquisa serviu de subsídio para a elaboração da atual pesquisa de dissertação tematizando a vivência juvenil em territórios periféricos, suas construções identitárias e a responsabilidade do Estado em mitigar as vulnerabilidades engendradas em viver neste contexto socioespacial, pois estes jovens convivem com o preconceito de serem segregados espacialmente e excluídos socialmente, limitando seus acessos a oportunidades que permitam melhorar as suas situações socioeconômicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de caráter exploratório, objetivou compreender como a segregação socioespacial influencia nas possibilidades vivenciadas por jovens escolares que residem em periferias urbanas do município do Rio Grande – RS, e os desdobramentos da constituição identitária destes jovens. Por meio de uma pesquisa qualitativa, foi realizada uma revisão bibliográfica, consultas em fontes secundárias e se adotou a técnica de Grupos Focais (GF) na interação com as fontes primárias. Realizaram-se quatro GFs com um total de 56 jovens entre 14 e 19 anos de idade, alunos da Escola Estadual Ensino Médio Brigadeiro José da Silva Paes, instituição essa que atende um conjunto de três periferias do município.

Para que fosse possível compreender como a segregação socioespacial influencia nas possibilidades vivenciadas por jovens escolares, foi realizada uma análise qualitativa das informações coletadas nos GFs. Assim, observamos que aos jovens moradores de periferias faltam oportunidades de qualificação e espaços seguros para desenvolverem suas sociabilidades. Concluímos indicando que esta pesquisa apresentou subsídios para a continuidade da construção de uma dissertação de mestrado sobre a vivência juvenil em porções periféricas, suas construções identitárias e a forma de atuação do Estado nestes territórios, pois estes jovens convivem com o preconceito de serem segregados espacialmente e direitos sociais negados, limitando seus acessos a oportunidades que permitam melhorar as suas situações socioeconômicas.

REFERÊNCIAS



- ALMEIDA, R. LIMA, M. Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais. In: ALONSO, A.; **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo**. São Paulo - SP: CEBRAP, 2016. p. 10-31.
- ALONSO, A. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo - SP: CEBRAP, 2016. p. 8-23.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. (Orgs) **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, P. 231-249, 1995.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. 284p.
- Hall, S. A identidade cultural na pós-modernidade. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro -11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARQUES, R. G.; SANTOS, M. A. O crime do tráfico de drogas e a relação com a violência: uma contribuição interdisciplinar. RP3 - **Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, Brasília, 2018. DOI 10.18829/rp3.v1i11.24957. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/20996.pdf. Acesso em: 1 jul. 2022.
- NEGRI, S. M. Segregação Sócio-Espacial: Alguns Conceitos e Análises. **COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO**, Rondonópolis - MT, v. VII, n. 8, p. 129 -153, 2008.
- PENNA, N. A.; FERREIRA, L. B. DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS E AREAS DE VULNERABILIDADES NAS CIDADES. **MERCATOR**, Fortaleza - CE, v. 13, ed. 3, p. 25-36, 2014.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretária da Segurança Pública (RS). **Indicadores Criminais**. Porto Alegre - RS, 2023. Disponível em: <https://ssp.rs.gov.br/indicadores-criminais>. Acesso em: 7 abr. 2023.
- SALES, M. A.; MATOS, M. C.; LEAL, M. C. (org.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SALLES, L. M. F.; PAULA E SILVA, J. M. A.; FONSECA, D. C. Violência e inserção social do jovem de periferia urbana. **Revista de Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, SP, v. 16, ed. 3, p. 58-68, 2014.
- SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva. **Tempo social: Rev. sociol.**, São Paulo, SP, p. 161-178, 1994.